



4
185-11-4

L. M.
P. Landulpho Medrado

3206

OS CORTEZÃOS

E

A VIAGEM DO IMPERADOR.

ENSAIO POLITICO SOBRE A SITUAÇÃO

Por—L. Medrado

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LESSA"
Tombo N.º 32. f. 88
MUSEU LITERARIO

BAHIA

TYP. DE CAMILLO DE LELLIS MASSON & C.

Rua de Santa Barbara n. 2.

1860

BIBLIOTECA PUELICA DO ESTADO
PERMUTA
S. Paulo, 24/2/532

BIBLIOTECA PUELICA DO ESTADO
VISTO

Um incidente obriga-me á dar explicação ao leitor, que vendo a declaração da segunda edição terá o direito de perguntar pela primeira, que a luz publica não viu.

Nos ultimos dias de fevereiro o auctor desta obra levou-a a uma typographia para ser impressa; uma razão pessoal o determinára á preferir esta á outra qualquer.

Foi demasiadamente demorada a impressão, pois que só depois de mez e meio estava ella terminada.

Foi neste tempo que um facto estranho veio surprender-me, e violar o meu direito de auctor, e ameaçar á todos os auctores com o veto absoluto de um impressor, ou proprietario de typographia.

Vieram dizer-me, de parte da typographia, que minha obra (que ja estava em mão do livreiro para brochar) não seria publicada... e que os impressos deviam ser consumidos nas chammass.

Ora, tudo isso era tão novo para mim, era tão extravagante, tão imprevisto, que não pude deixar de sentir uma certa commoção que toda novidade produz sobre meu organismo; era uma contrariedade, mas tão pouco commum, que meu espirito ja um pouco affeito as contrariedades viu nella alguma cousa que não era inteiramente indigno de o deter; e á primeira irritação succedeu o gosto de seguir com curiosidade o destino tão novo de minha primeira edição.

Mas qual era o motivo de tão estranho procedimento? Eis o que se me disse: constando á um dos directores da empresa que havia na typographia um escripto meu, escripto politico, exigiu que lhe fosse apresentado. Convocou o directorio; leram e discutiram e condemnaram como heretica, ou subversiva, (que val o mesmo) minha pobre obrinha, que não teve ante o novo tribunal uma voz que fizesse ouvir sua defeza. Determinou-se que fossem consumidos os impressos, porque de uma typographia que tinha relações tão especiaes com o governo, não podia sahir uma obra que não rendesse culto ao paço, e que não fosse a glorificação de todo governo.

Póde ser que isto não seja um attentado contra o meu direito; póde ser que haja nisto muito respeito ao livre exame; póde ser que sejam mais que muito honestos os motivos que determinaram semelhante proceder: mas o que contesto é que se tenha o direito de fazer-me soffrer prejuizos, ou de tempo, ou de outra qualquer natureza, pelas negligencias que se commettem la na typographia.

Porque razão não preveniram aos empregados do estabelecimento sobre a natureza das relações da typographia com o governo? Se assim houvessem praticado, não teria sido aceita minha obra.

Que uma gazeta guarde certas conveniencias para com o governo que apoia, não publicando em suas columnas cousa que o possa offender, isto comprehendo-o eu, pois nada ha ahi que estranhar: mas o que para mim é novo, inaudito é que uma officina typographica se imponha um character politico, e leve seu zelo até a violação de direito adquirido em boa-fé.

Talvez que o facto seja ulteriormente aquilatado onde se espera que o seja; a recommendação poderá ser attendida; mas se isto é politica, se exerceram um direito, será politica e será direito de eunucos.

De minha parte protesto solemnemente contra o facto, e só reconhecerei o direito que se arroga a typographia, depois de decisão dos tribunaes do paiz.

Emquanto esta decisão não vier ou restituir-me os meus impressos, ou declarar que a typographia tem direito de os entregar ás chammas;—a primeira edição desta obrinha continuará em escura prizão, de baixo de sete chaves em que a metteram. Dizem que o tal caixão que a encerra ja recebeu o nome de boceta de Pandora. Estão encadeados os ventos; não haverá tempestade.

Apresso-me em protestar tambem com toda energia contra as calumnias desleaes que se propalam á respeito de meu escripto. Nesta segunda edição quizera

alterar algumas cousas; mas o não faço porque nem são fundamentaes, nem quero dal-a ao publico diversa do que está na tão calumniada primeira edição.

O titulo modesto de ensaio politico, que leva este escripto envolve a promessa de estudos menos rapidos mais completos. Espero que a promessa não será van.

Terminando aqui esta explicação, seja-me licito accrescentar uma só palavra:

Não é leal que accusações de certa ordem se façam em conversações; que se digam na intimidade que se communica a todos que vão vindo. Isso teria antes a phisionomia perversa de uma intriga perfida do que a de uma accusação séria: eu pediria portanto que essas accusações me fossem feitas publicamente, livremente. A resposta não se faria esperar; e não hesito em asseverar que ella seria tal que havia de satisfazer sobejamente á certas entidades que tanto me honram com sua desaffeição, dissimulada, ou declarada.

Bahia 27 de abril de 1860.

OS CORTEZÃOS

E A VIAGEM DO IMPERADOR.

I.

Grave, cheio de vagas inquietações, é o momento politico. Os espiritos sérios e reflectidos veem contristados, n'essa deploravel conjunctura, os males que, de balde, por seus votos sinceros, quizeram conjurar. O espirito popular, cruelmente desilludido, descrê de tudo, e lança ás aventuras do porvir a derradeira esperança.

Geral, estranha anciedade opprime a grande alma da nação que ja se impacienta das delongas da solução das grandes difficuldades do presente.

As grandes difficuldades ahi ficam todas intactas, insolúveis; e a longa serie de ministerios que se teem succedido na gerencia dos negocios publicos, consomem-se na vida mediocre e monotona dos expedientes e paliativos estereis; e enredam-se nas intrigas de uma politica d e conveniencias pessoas, que exclúe toda dignidade de sentimentos e toda elevação de concepções.

E quando as circumstancias se tornam mais difficeis;

quando a situação é sob todos os aspectos mais complicada, mais grave, mais melindrosa;—crê-se que as apprehensões publicas se hão de dissipar com o espectáculo de uma procissão pomposa do imperante atravez das populações!

Mas quem sabe se esta procissão não está predestinada para ser a derradeira chamma lançada por uma escola fatal, prestes a succumbir? . . .

Quem sabe se tudo isso não é, como as pompas funebres, como esses magnificos mauzoléos que attestam existencias que foram;—uma demonstração solemne das vaidades das cousas humanas?

Aventuremos portanto á onda da opinião as impressões que em nosso espirito deixa a passagem, por estas terras, do eleito da nação. Por ventura poderão servir um dia á historia destes tempos tristes e difficeis?

É mais como historiador politico do que como poeta cortezão, que encaro os factos, e indico-lhes as origens e as consequencias: os echos d'estes tempos graves, que presentem as grandes harmonias da humanidade—recusam-se desdenhosos as moles cadencias das côrtes.

Pressinto uns sons longinquos que annunciam melhores destinos para as terras virgens e liberrimas de America.

Deante d'essa grande natureza americana, em perspectiva d'essa epopéa grandiosa e solemne da liberdade annunciada pelos sons eternos de nossas vagas, de nossas florestas, de nossas brisas eternas;—quem, de enfiado, não quebrára a lyra barata das côrtes!

Poéta, não te adormeças descuidoso ao som monotonos dos hymnos sediços em honra da tolice humana:

desperta! olha que n'este seculo tudo vae rapido, e correrias o risco de ahi ficares entre as curiosidades medio-cres de umas ruinas . . .

Crentes da rasão, soberana do mundo—tantas vezes desconhecida! cobremos forças nas mesmas duvidas e miserias presentes: além está o triumpho; e a esperança, nume tutelar das grandes empresas, só ha de fenecer na consummação dos seculos!

Bella filha dilecta das entranhas virgens de America, Democracia! és tu só que nos inspiras á nós—filhos tambem de America; és tu só que nos guias para as promessas da liberdade, através de tantas decepções crueis, tantos esforços perdidos, de tantas esperanças mentidas, e das impaciencias freneticas de animos que soffrem mas não fraqueam.

■ ■ .

As raças que foram—legaram, generosas, á furia dos conquistadores aquelle sancto amor da independencia e da liberdade que haviam zelado nas solidões solemnes e inviolaveis de suas vastas florestas seculares. A contemplação constante do magestoso espectaculo da natureza elevára na grande alma d'aquella raça que se perdeu, que não revelou a civilisação todas as suas potencias, o sublime sentimento da dignidade e do poder humano.

Vieram receber sob o mesmo tecto da natureza as mesmas inspirações, e recolher o legado precioso dos sentimentos americanos—essas raças conquistadoras que

puseram entre seu novo ser e seu ser primitivo toda a extensão e todo o abysmo profundo do Atlantico.

Quem ha que poz o pé sobre terra de America, que logo se não sentiu americano? A natureza humana aqui se reconhece melhor, desapegada dos erros tradicionaes, dos preconceitos inveterados das sociedades européas. Aqui não ha tradições; os seculos passaram em silencio; as gerações succumbiram sem missão, como sem missão se haviam succedido. Aqui o homem se reconhece igual ao homem. Era mister que depois de centenas de seculos os homens civilisados viessem á se encontrar sob esta natureza selvagem que lhes despertasse n'alma as reminencias perdidas do estado primitivo; e lhes revelasse a vaedade das desigualdades sociaes; e lhes ensinasse que esses usos servis, essa linguagem indigna que se guardam e que se falla nas côrtes, desdizem da sublimidade da essencia humana!

Não! N'essas plagas felizes é planta exotica a lisonja das côrtes! Não ha de florecer; vae emarellecer e murchar e definhar e morrer á despeito de mil cuidados exquisitos que incançaveis lhe prodigalisam mãos servis.

III.

São incompreensíveis no Novo-Mundo as pompas da monarchia: nada ha n'ellas que corresponda á um objecto real na historia ou nas aspirações d'este povo. A mesma monarchia é aqui de uma natureza inteiramente diversa de suas irmãs da Europa. Aqui é ella a mais alta expres-

são da democracia; ahí está sua unica origem, sua unica rasão de ser, sua unica força; ahí está toda a sua missão. Seria uma desgraça e ao mesmo tempo uma inepecia difficil de crêr-se; se a monarchia, tendo mais pretensões do que intelligencia de sua funcção, se obstinasse em desconhecer-se a si propria, e, renegando sua origem popular, tomasse as fastuosas e mal ageitadas vestes das velhas monarchias da Europa.

Quem tomaria ao sério essa estolida pretensão que vae buscar aos despotismos orientaes usos absurdos para transportal-os, em meio do XIX seculo para a joven monarchia americana !

E com tudo é certo que superstições monstruosas são exaltadas à cathegoria de maximas de um modesto palacio que a lisonja corruptora convertêra em paços reaes, povoados de uma cõrte ociosa, inutil,—parasita, impertinente que se enlaça nos degraus d'este throno—obra das mãos do povo, e dá-lhe o triste aspecto de ruina abandonada.

A lisonja é a lingua unica permittida no paço.

É um barbaro que ninguem comprehende; ou um louco á que ninguem attende e que os lacaios arrastam pelas escadas á baixo; ou um parvo, que póde apenas servir para divertir o mau humor cortesão;—aquelle que a não sabe fallar.

A lisonja é um corpo de doutrina, um systema engenhosamente combinado; uma arte e uma sciencia completa.

Sciencia politica de reacção, sua missão é obliterar da intelligencia politica da geração moderna os nobres principios que triumpharam pela voz solemne de duas gloriosas revoluções.

Adultera-se tudo; e essas revoluções que são a origem incontestavel de todo o nosso direito politico, teem um mediocre interesse para esses espiritos obsecados.

E com quanto a estolida pretensão da legitimidade fique como um estigma de subservencia esteril, todavia a doutrina recruta diariamente proselytos n'essas filas de solicitadores que ahi vagueam anciosos pelas escadas de ministros e presidentes após das promessas com que se aliciam animos pouco seguros na propria estima.

Perante esta sciencia a constituição é uma mentira irrisoria. Foi a Providencia, não foi a Nação, quem confiou ao filho de D. João VI o deposito do poder publico.

O filho de João VI cahe do throno... porque, e como cahiu o eleito do Senhor?...

Pedro I exilado da patria que o adoptára e que o exaltára seu primeiro *cidadão*, legava ao filho ainda na infancia uma lecção profunda. Nos momentos difficeis, quando a revolução triumphava por toda parte,—elle viu desertos os seus paços reaes... e não foram os cortesãos os amigos que encontrou então! Foi n'esse momento terrivel, cheio de anciedades dolorosas, crueis, que elle reconheceu a verdade de sua situação, e o longo erro de seu reinado.

Uma revolução acclamára a Pedro I Imperador; uma revolução o destronára e o banira; uma revolução collocava seu filho, que elle confiara á magnanimidade do povo, no unico throno americano!..

Entretanto não é mais eleito do povo, é eleito de Deus, é *Senhor* da nação—o filho de Pedro I!.. (*)

(*) Até 1842 não se conhecia a formula: *Meu Senhor*. Para

Em virtude de que direito o filho de João VI se fiséra proclamar Imperador,—é ponto que ainda não esclareceram os cortesãos.

Os que ainda não renegamos os sentimento americanos, nem duas omnipotentes revoluções, conhecemos o direito popular que fundou uma nacionalidade, um direito publico, e uma dinastia—por uma revolução; que salvou a democracia e a consolidou—por outra revolução; que salvou tambem o throno vacilante no meio das tempestades politicas, por uma terceira revolução;—e que ainda por uma revolução salvará a democracia, se a democracia por desgraça ainda correr perigo.

Aquella doutrina detestavel—porque é infiel a historia e aos principios essenciaes de nossa organização social e politica;—acha-se ahi em todas as ceremonias da corte; inspira todos os actos—ainda os mais insignificantes—do paço imperial.

IV.

A propaganda cortesán, porém, encontrava séria reluctancia pelas provincias, principalmente ao norte do Imperio e no extremo sul. Esses animos vigorosos não perdêram nas molêzas das côrtes essa energia e independencia quasi selvagens, que são o mais nobre elogio de um povo.

aprecial-a devidamente basta considerar que é coéva do beija-mão...

Longe da côrte, onde se dissipam todas as forças da nação; soffrendo todos os dissabores da partilha desigual, que veem porque nem ao menos é dissimulada;— as provincias do norte não se podiam render ás solicições incessantes do espirito cortesão.

Entre tanto as queixas murmuravam; cobravam novos incentivos em novos abusos que surgiam sucessivamente; e proxima oscilava uma nuvem das irritações populares...

Porém se o descontentamento do norte ja começava de agitar-se; o descontentamento do sul não era mudo e quiêto tambem: lavrava em S. Pedro do Sul; mal se continha em S. Paulo e Minas.

No municipio neutro, na capital do Imperio, na sêde da côrte,—um estranho movimento de opinião se operava. Ahi o descontentamento teve uma d'essas manifestações burlescas que são muita vez de mau agouro. Em face do caricato-hypocrita-jesuita da côrte alevantava-se a figura zombeteira e impudente do Charivary. Era um quadro repulsivo; mas era a mais fiel pintura d'aquella sociedade cortezan: a impudencia de costumes descompostos, de devassidões espantosas—teve um espelho que não mente na impudencia e no cynismo d'essa gazêta que não conheceu respeito, e que foi ao mesmo tempo a injuria e o estigma da situação de que nasceu e em que se alimentou e viveu. Não morreu o Charivary, não morrerá! ha de acompanhar perpetuamente, como a sombra, a essa mascarada ridicula e imbecil, para rir-lhe á todo momento o sarcasmo de sua ridiculeza e de sua imbecilidade.

V.

A cõrte, sempre inspirada pelo pensamento sinistro, de largo tempo acariciado, da politica austriaca, havia consummado sua obra laboriosa da impotencia e desmoralisação dos partidos.

Sonhada por tanto tempo, esta situação era anciosamente esperada com resultados mathematicamente previstos. De feito, desmoralizados os partidos, as idéas deixavam de ser representadas; a dissolução dos partidos conduzia á descrença dos principios; succedia necessidade das confianças pessoaes, como nucleo dos interesses, unico movel politico que devia sobreviver á esta subversão. Mas eram ao mesmo tempo abatidas, perdidas todas as reputações, estragado todo prestigio pessoal. Nada devia escapar á esse immenso redemoinho das lutas pessoaes. Sopravam as ambições, as invejas, os odios, as irritações, as vinganças e as miserias... N'esse momento as previsões cortezans contavam que a solução do problema seria inevitavelmente a de seus desejos; porque ella pareceria a mais simples, facil e talvez natural e necessaria. Só um individuo, só um poder, escapára á essa vasta e funda desmoralisação; a nação portanto, descrida dos *outros* seus delegados, descrida de si mesma, abdicaria sua soberania nas mãos do unico que se não maculára, porque *elle é o eleito de Deus...*

Facil creu nos seus desejos; para as cõrtes são perdidas as lecções da historia! Ignorava que nas crises mo-
raes das sociedades *todos* os poderes são sujeitos á mes-

ma acção dissolvente. Não cuidou que antes do suicidio moral, a nação havia de procurar reconhecer as verdadeiras causas d'esta situação detestavel e desgraçada. . e os espiritos pensadores confirmam o que não escapára ao instincto perspicaz do povo.

Denunciada por suas tentativas, trahida pelos resultados tão contrarios á sua expectativa; a politica da cõrte inspirada pelo genio austriaco que esvoaça pelos paços imperiaes, torvo, inquieto,—é atacada—primeiramente nos circulos politicos de todos os matizes, destroços escapos ao desbarato da conciliação; depois em alguns jornaes de pequena circulação; além—em jornaes de vulto; e finalmente n'essa injuria sarcastica e cruel do Charivary que ostentou com tamanha audacia sua impunidade e seu cynismo.

O genio austriaco bem depressa comprehendeu que era chegado um momento inesperado de difficuldades mais graves que todas quantas havia torcido. O espirito cortezão, em um momento de suprema agonia, reconheceu que este systema compromettia gravemente os verdadeiros interesses da monarchia. Entretanto o partido da cõrte, por um momento perturbado, não desanimou; prudente—adiou a solução; chamou em seu auxilio a acção do tempo.

VI.

Tal era o estado das cousas—vaga agitação dos espiritos, anciedade indefinivel; quando foi annunciado que o Imperador iria, no intervallo das camaras, visitar al-

gumas de suas provincias ao norte do imperio. Era uma verdadeira surpresa; desde muito o espirito publico se não preocupava d'essas viagens que parecem mais opportunas quando mais regular é o andamento dos publicos negocios; quando são menos criticas as circumstancias financeiras do paiz.

Da mais alta importancia politica eram as consequencias que se promettiam d'esta viagem as cogitações cortezans.

Muitas vezes estão os destinos dos imperios dependentes de pequenas circumstancias, ou de actos de insignificante apparencia. Muitas vezes consiste a sagacidade politica em dar á essas circumstancias, á esses actos de nenhum valor apparente uma direcção previdentemente habil. As consequencias virão naturalmente; e os grandes successos não se fazem pressentir do commum dos homens pelos pequenos germens depositos á espaços na passagem dos tempos. Os mais caudalosos rios do mundo teem origens tão pobres, tão obscuras! São assim tambem esses abundantes rios da historia, chamados acontecimentos, que se precipitam atravéz dos seculos. Quantas vezes o espirito do historiador desejara, por honra da humanidade, recusar por insignificante, mediocre ou torpe, a origem que a critica historica assignala á grandes acontecimentos? Ella vem, entretanto, authorisada pela logica inflexivel dos factos. Deus poz no infimo dos sentimentos e das acções humanas os germens da grandeza.

Homens ha á quem os povos concedêram o formidavel privilegio de fallar em nome da sociedade. Em retribuição exigiram-lhe a renuncia de sua individualidade.

Cada um dos actos, cada um dos movimentos d'esses homens pôde tambem dizer: « eu sou historia. » Elles perdêram o direito de ser obscuros.

A verdade d'esta observação é que obriga á que haja mediocridades illustres, e que se ocupe muitas vezes a historia com relatar as sandices de algum illustre idiota, á quem o atrazo da civilisação, as superstições absurdas que obscureciam a intelligencia dos povos—consentiram a direcção da sociedade.

VII.

Ao mesmo tempo que os cortezãos muito se prometiam d'esta viagem para o triumpho completo de seu systema politico, empregando toda sua sagacidade em tudo fazer concorrer para explorarem com proveito uma popularidade para a qual ninguem contribuiu;—a população das provincias do norte que soffre os effeitos ruinosos de uma administração oppressiva, incoherente, absurda; concebia esperanças de que a vista do chefe do poder executivo acharia *ocasiões constitucionaes* para fazer extirpar os abusos, e saberia usar de sua parte no governo para influir na reformação de um systema que é indubitavelmente fatal á união.

A grande vantagem d'essas viagens seria pôr o chefe do executivo mais em contacto com as administrações subalternas; seria fazel-o mais accessivel aos queixumes populares; seria o conhecimento que adquirisse pelos proprios olhos da situação moral do paiz.

Os governos representativos teem certos momentos de crise moral; essas crises ou são resolvidas pelo povo ou pelo poder. A verdadeira solução, porém, não está nos meios violentos. Quando a espada de Alexandre cortava o nó gordio, Alexandre se declarava inhabil e impotente. A solução das difficuldades moraes e politicas pertence exclusivamente á reflexão calma, á perspicacia da observação, e á intenção resoluta e esclarecida do bem. A inhabilidade politica corta-as pelas revoluções do poder, a ausencia de educação do povo, seu pouco conhecimento dos direitos, corta-as tambem pelas revoluções populares. Não se desata assim o nó das difficuldades; estas crises, um momento evitadas violentamente, resurgirão sempre até que a sciencia popular ou a sciencia do governo;—mas a sciencia emfim, e não a espada da violencia ignorante—as venha resolver racional, pacifica e naturalmente.

Somos chegados á um d'esses momentos; os vicios do actual systema administrativo pululam á cada canto da administração.

O uso detestavel que d'esses vicios ha feito a politica é uma calamidade que dilacera os seios da sociedade. Para resolver a crise é mister aniquilar a corrupção, e a corrupção campêa impavida, impudente por toda parte

O governo corrompe e é corrompido.

As camaras corrompem e são corrompidas;

Os eleitores corrompem e são corrompidos.

O governo corrompe, porque para assegurar-se maioria no parlamento, compra o voto do representante da nação com as posições administrativas, policiaes, judicias, e com os postos da guarda nacional;—é corrompido

porque vende ao representante da nação pelo voto com que o apoia, ao jornalista pelas defezas com que o sustenta; as posições que se deviam distribuir pela medida do merecimento e que se deviam conservar pelo direito do bom desempenho.

O parlamento corrompe, porque obriga os governos á não observarem a equidade nas distribuições dos empregos; é corrompido porque aceita os máos actos do governo, sanciona seus erros e seus crimes, em virtude d'essa transacção ignobil.

Os eleitores corrompem, porque obrigam o deputado, pela promessa de um voto futuro ou pela ameaça de hostilidade, á solicitar empregos do governo para accommodal-os ou para dar-lhes preponderancia,—e á renunciar portanto á independencia e liberdade de acção e de pensamento, de que tanto ha mister sua alta missão de legislador; são corrompidos porque retribuem favores pessoas com o voto publico; porque votam contra sua consciencia; porque muitas vezes deixam de dar ao merecimento aquillo que vendem sem escrupulo á incapacidade.

Estas tres ordens de abusos, descorrendo de origem commum para irem confluir em um fim commum, deramram por toda a superficie da sociedade esta situação mais que todas deploravel. O paiz todo á vê, a sente, e a maldiz; poderá esperar o paiz remedio efficaz para tão grande calamidade? Esta viagem teria por ventura a virtude miraculosa de reparar por um grande arrependimento erros gravissimos que não aproveitarão jamais á ninguem; e de assim estancar essas fontes perennes e abundantes de abusos?...

Não era a machina da publica administração, cujas

molas recebessem o impulso adequado á suas funcções, obra da equidade e do zelo escrupuloso e intelligente— o que se offerecia aos olhos do chefe do poder executivo; era sim o carro emperrado, inerte, cujas molas não obedecem á nenhum impulso regular e intelligente,—pezado que esmaga, enorme que obstrúe; era a obra cega do favor ministerial e das mysteriosas influencias do Paço.

O chefe do poder executivo vê exercitando altas funcções do Estado homens incompetentes para gerir tão arduos e multiplices negocios; vê confiadas á discripção de cabeças vans e inexpertas, á mãos inhabeis ou pouco escrupulosas,—a fazenda, a honra, a liberdade, e a vida dos cidadãos . . .

VIII.

Será verdade que « os queridos da fortuna trazem na fronte um signal sagrado para a politica? » Á Deus não prasa que eu tenha a desgraça de dizer contra a Fortuna! Embora não me haja sorrido, amo-a, adora-a, caprichosa e varia, mas sempre bella, ainda na injustiça. Dizem que é condemnado á crueis tormentos o insensato que teve a audacia de contrariar essa poderosa deusa que tem nas mãos os destinos dos imperios. A Fortuna não ha de mentir. Todos os poderes da terra estão sujeitos á seus caprichos. « É uma historia eterna e invariavel. »

Mas porque razão haverá uma especie de homens, muitas vezes sem espirito e sem talento e até sem honra, que tudo alcançam; e outros que nada alcançam á despeito de eminentes qualidades?

É esta a « raça de Caim e de Prometheu para quem o merecimento é um fructo amargo; os talentos e os conhecimentos são para ella uma causa perenne de profundos desgostos e de afflicções eternas. . . »

Embora. . . louca, inconstante, cruelmente caprichosa, ainda assim é bella! Ha em tudo isso um não sei que de fantastico, de estravagante, de maravilhoso, que me encanta: amo-a com todos os seus caprichos!

Não é portanto d'ella que fallo; fallo de outro favor que sendo mais mediocre, é com tudo mais fatal, por que é sempre immoral.

A fortuna distingue com a felicidade ao individuo de suas predilecções, sem que elle nem ella saibam bem o porque, e o como.

O favor pega pelas orelhas á um pobre diabo e atira-o á servir a certos fins, e depois, se lhe apraz, quebra-o e abandona-o inutil, ou o faz voltar tranquillo para o pó donde o tirára. É uma recompensa de serviço pessoal, ou um adiantamento para serviço que se espera. Em todo caso, nem é felicidade politica, nem é conveniencia publica: é uma cousa baixa e ignobil.

É entretanto essa cousa baixa, ignobil quem distribue os empregos publicos! Nos paizes de sinceridade constitucional, em que o principe, o chefe do poder, com a consciencia de sua missão augusta, não distribue favores e sim preside a justiça;—póde o principe, e é seu dever corrigir tão graves abusos, se acaso elles ahi se podem dar:—não que desfaça por suas proprias mãos a obra do favor ministerial; mas fará sentir á seus ministros que aquillo é uma deslealdade para com a corôa, uma traição aos interesses do paiz: e o ministerio que não

restabelece immediatamente sua fidelidade ao paiz e sua lealdade ao chefe do governo, desaparece da direcção suprema do Estado.

Bem sei que a hypothese, tal como a estabeleço, é inaceitavel, por impossivel. Mas, quando á cada momento ouve-se a accusação dos poderes activos da constituição, e declarar-se tudo corrompido, excepto o poder neutro, e insinuar-se a necessidade e excellencia do governo pessoal; não será impertinente assignalar como, admitida a excepção, se poderiam corrigir os abusos sem destruir as instituições livres. Mas a hypothese é impossivel; porque onde o governo parlamentar é uma verdade, onde todos os poderes funcionam regularmente em suas espheras respectivas,—se equilibram, se respeitam sinceramente,—é impossivel o abuso, porque faltam os elementos de corrupção. A vigilancia do parlamento corregiria todos os erros administrativos e politicos, ou lhes não deixaria a occasião de existencia.

Aquelles que appellam para o governo pessoal, como salvação unica d'este imperio, eu farei uma pergunta, um convite e uma advertencia :

Perguntarei se teem a simplicidade de ainda duvidar que de facto existe o governo pessoal, levantado sobre as ruínas do governo parlamentar, que nos promettêra a constituição? e tambem se estão satisfeitos com os fructos que o paiz ha recolhido do governo pessoal?

Convidarei á que, remontando á origem das cousas, expliquem a corrupção actual e lhe determinem as fontes donde decorre.

Advirto-lhes que houve sempre e por toda parte uma cousa incorruptivel, invenivel, eterna á despeito de todo

genero de seducções, à despeito das fogueiras e dos calabouços :—náufraga escapa ás tormentas da violencia, e aos açoites da corrupção, a historia conduz, solitaria, mas triumphante, ás praias da posteridade o deposito precioso e sagrado da verdade. . .

E a historia dirá um dia a verdade da corrupção e o nome do corruptor.

IX.

Parecia á todos os espiritos que ja era chegado o tempo de fazer-se o inventario dos abusos que nos legaram administrações menos preocupadas da boa e fiel execução das leis, do que das conveniencias de partido. Dissolvidos os partidos essas conveniencias haviam tambem desaparecido: era portanto tempo de firmar uma politica menos caprichosa, mas inspirada nos grandes interesses nacionaes. Era ja tempo de se fundarem os partidos de idéas, que em sua emulação fecunda se corrigissem um pelo outro, e conduzissem assim o paiz á prosperos e nobres destinos.

Mas, por desgraça, a oportunidade se vae passando esterilmente; por um systema abominavel abafam toda aspiração generosa sob as pretenções que favoneam do egoismo; autorisam pela voz do governo central não sei que funesta e detestavel prudencia que se rege por calculo, que se gradua por conveniencias. . .

E nas provincias. . . as presidencias são distribuidas como remuneração do voto parlamentar, a membros do

parlamento, muitos dos quaes veem n'estes cargos, mais uma facil occupação em que passam indolentemente o intervallo insipido das camaras, do que uma obrigação laboriosa que não deve ser esteril.

Em sua simplicidade facil ás boas esperanças creu o povo que a viagem do chefe da nação seria o termo fatal de seus soffrimentos, de suas oppressões, de todos os escandalos.

Os cortezãos, que sabiam do descontentamento contaram com as aclamações entusiasticas nas quaes o povo faria appello para o chefe da nação contra os desmandos, a inercia, ou deleixo de seus delegados; e pareceu-lhes, talvez, á elles que n'este appello este povo deporiam aos pés do throno a renuncia de seus direitos, e a confissão de sua incapacidade para a liberdade. . .

Ja se vê portanto que as intenções e as estrategias da côrte haviam de ter em resultado—desnaturar as manifestações populares para as fazer servir á sua politica estreita e sem elevação;—e alterar profundamente o character e as intenções d'esta viagem, dando-lhe um fim tão estranho á sua natureza.

De conformidade com os planos pouco avisados, dispozeram uma apparatusa procissão, em logar de uma viagem modesta, como é da indole de nosso governo.

Comprehendeu o Imperador qual devia ser o character de sua viagem? Vingaram por ventura em seu animo as prevenções que lhe quizeram incutir os cortezãos?

Suas intenções ostensivas, de conformidade com as origens de uma monarchia popular, de conformidade com o espirito do tempo, recusavam algumas d'essas pompas vans, que nem lhe podiam acrescentar a auto-

ridade, nem exaltariam no animo do povo seus merecimentos reaes.

Este pensar sensato, manifestou-o: era uma homenagem que o principe rendia á democracia de que é elle —expressão; á democracia—fonte unica e eterna do poder? . .

Mas os cortezãos que, nos excessos de suas lisonjas, esta vez desobedecem, mas ás boas inspirações do principe (*ea sola species adulandi supererat!*)—crendo serem-lhe agradaveis, talvez cuidando fazerem-lhe bem; tiveram por vans aquellas declarações, e por ventura as fizeram reputar uma sedicã affectação de simplicidade, sem pensamento nem verdade.

Segundo as doutrinas cortezans essas viagens não teem, não podem ter outro objecto que fascinar as populações estupefactas deslumbradas com os esplendores da magestade real; e recolher os testemunhos fervorosos do amor e da admiração do povo.

Nos anhelos eminentemente monarchistas d'essa boa gente o carro da monarchia devêra passar sempre rapido, coruscante e esmagador por entre as multidões proster-nadas no chão das humilhações. Estas rodas passariam sobre este povo ignáro que teria por ambiente a poeira revolta de sua passagem, e despresado e esmagado bem-diria a fatalidade que o encadeasse á eterna servidão do corpo e d'alma!

Quizeram que essa viagem fosse uma marcha triumphal; imaginaram que esse spectaculo estranho, pomposo, superexcitadas as faceis imaginações populares por contos fantasticos, anedotas adrede inventadas, suppostos ditos engenhosos, ou chistosos:—arrancariam das

populações agglomeradas na passagem esplendida deliriosos applausos, ovações inauditas, talvez uma monstruosa apotheose!

X.

Não entra no plano d'este escripto salvar a verdade historica, tão desairada nessas pomposas narrações do entusiasmo popular, as quaes custam grandes esforços á imaginação de seus autores. É verdade que ellas teem sempre a mesma phisionomia que tudo quanto se ha escripto sobre viagens de principes.

Todos os poderes tiveram sempre funcionarios que lhes desfaçam e desfiguram a verdade, e historiographos que poem o que queriam ver no logar do que viram. Talvez um dia quando me sóbre tempo para escrever chronicas, me disponha a reduzir a suas verdadeiras proporções essas narrativas sahidas do estro hyperbolico de nossos bardos de todos os gostos.

Meu fim é, como se tem visto, seguir os cortezãos e suas doutrinas em sua excursão pelas provincias, sem me occupar dos contos que se fazem sobre factos mais ou menos importantes, mais ou menos veridicos.

As ceremonias são o grande ponto da doutrina cortezan; n'isto vae tambem o instincto da conservação: suprimi essas ceremonias, e dizei-me o que fica sendo o paço, o que ficam sendo os cortezãos? Tambem de seu lado pergunta a doutrina: sem paço, sem cortezãos, sem ceremonias o que ficam sendo as dynastias? . . .

O que porém não perguntará a doutrina é o que ficaram sendo as dynastias por toda parte por onde entraram, na bella expressão de Chateaubriand,—com os passaportes do seculo—as idéas da philosophia moderna? O que ficaram sendo as dynastias sem o poder absoluto, sem a crença do direito divino, cuja perpetua revogação foi proclamada em um dia de gloria para a humanidade, pela voz omnipotente da Revolução franceza?

É certo que essas ceremonias tiveram uma razão de ser, fundaram-se em factos, conservaram-se na tradição e nas idéas dos povos.

Irracionaes como nos parecem hoje á luz das idéas modernas, se não foram uma inspiração feliz nos tempos em que foram instituidas, se deante da razão de todos os tempos ellas podiam ser classificadas entre os abusos e preconceitos que dominaram a sociedade; todavia não é menos certo que ellas revelavam uma crença, eram a consagração de um direito.

Mas a Revolução quebrou o prestigio das tradições; reduziu os factos á suas verdadeiras proporções; proclamou a razão dos povos em contraposição dos interesses de dynastias: anniquilou todos os preconceitos, todos os privilegios, todos esses absurdos prestigios de que se cercava um direito em ruína.

Que valor podem portanto ter essas ceremonias incompreensíveis? Que significação séria podem hoje ter essas formalidades caducas, essas etiquetas cacheticas? É se advertimos que para nós perdeu-se esse fio das tradições que as prendiam aos factos historios? Perdeu-se o fio no atravessar a immensidade do oceano;... e se não fosse perdido, teria sido quebrado pelo facto da nossa gloriosa revolução.

Que significação teriam portanto para nós?

Este paiz não viu a representação d'aquelles feitos; n'este paiz aquelles feitos e as ceremonias que os pretendam memorar são cousas estrangeiras, alheias á nosso character, á nossa historia, á nossas crenças. Não teremos direito de perguntar á essas ceremonias:— quem sois? donde viestes? o que quereis?

Vêde a seriedade d'aquelle espectáculo burlesco! Tudo aquillo é uma mentira, e uma baixeza! Vêde como os cortezãos revestidos de uma certa gravidade e importancia ridiculas inculcam exercer uma funcção honesta! Vêde, e corae:—a municipalidade tambem representa a mais desgraçada das comédias:—a cerimonia das chaves! . . .

Ecce sacerdos magnus! O pallio era tambem indispensavel na comedia d'esta procissão. . . Vêde a cerimonia do *beija-mão*, que não pôde ter uma explicação séria; que ningnem comprehende. . . Vêde aquelles bate-dores. . . Oh! tudo aquillo é tão insensato que ja passa de irrisorio!

Novo genero de comedia, que na exposição tão ridicula quanto solemne de preconceitos grosseiros que queriam de novo encarnar no animo popular; em vez de riso arranca lagrimas de pejo ao espectador não leviano que ahi vê uma injuria cruel e grosseira ao bom senso nacional!

Attendei para o stylo cortezão d'essas numerosas congratulações: ellas só vem dizer sua submissão; ellas não trazem uma palavra digna, livre, conscienciosa, patriótica. Que sentimento as inspirou, que pensamento as dirigiu?

Devem fallar em nome da provincia: mas a provincia tem queixas profundas, tem necessidades urgentes, luta com grandissimas difficuldades; mas a provincia tem direitos que tem sido postergados, tem recursos que devem ser desenvolvidos, tem esperanças que devem ser alentadas. Se fallavam em nome da provincia, se eram órgãos de seus sentimentos porque calaram suas queixas e suas esperanças, seus direitos e seus soffrimentos? . . . Ou essas congratulações não teem nenhum valor politico, são mais uma banalidade no meio de tantas; ou deviam encerrar a exposição das queixas e das esperanças do povo.

Pobre patria! pobre liberdade! . . . ellas são esquecidas nos cumprimentos e nos votos que se fazem; não é a ellas que se offerecem flôres, que se levantam toastes!

Bem se vê que a doutrina cortezan alcançava á cada passo faceis triumphos; mas cumpre advertir, para que não haja equívocos, que tudo isso se passava fóra do povo.

O povo que tudo isso viu, ria-se da mentira, e murmurava da humilhação.

Os cortezãos crêram que por toda parte haviam de encontrar cortezãos e aduladores; encontraram tambem homens livres!

Este pevo ainda é capaz de defender sua liberdade; enganaram-se suppondo que elle seria capaz de abdicar-a.

XI.

O que é a popularidade? A popularidade é a divindade

caprichosa, formidavel, que tem em suas mãos omnipotentes os destinos supremos das democracias. Sempre suspeitosa, sempre excessiva em seu amor da liberdade; é muitas vezes de suas mãos que parte o golpe fatal que aniquila a liberdade. Assim é que vereis tanto os amigos sinceros do povo como os seus mais irreconciliaveis inimigos, os ambiciosos e os despotas, renderem culto incessante á essa deusa—ora irritada e cruel,—ora cegamente amorosa,—sempre inconstante, sempre exigente, sempre poderosa e despotica.

Ha nas igrejas sacerdotes que mentem á consciencia, sem remorso do sacrilegio, nas preces que murmuram, nos officios que celebram;

Ha nos tribunaes magistrados que mentem á consciencia e trahem á justiça nas sentenças que lavram;

Ha nos salões poetas sem fé, amorosos sem amor, que mentem nas confidencias que fazem, nos protestos que juram;

Ha no exercito militares que mentem á patria e aos brios de sua nobre profissão na farda que vestem e que deshonram;

Ha nos paços—validos que mentem e escarnecem nas baixas lisonjas que murmuram;

Ha nas praças publicas, nas assembléas populares, oradores e escriptores que mentem nas arengas que pronunciam, nos escriptos que distribuem ao povo :

Tudo isso são os cortezãos: elles corrompem, degradam, prostituem os templos de Deos, os palacios dos reis, os tribunaes da justiça, a bandeira da patria, o lar domestico, e tambem os comicios populares, as assembléas da nação. . .

Quantos homens ha que amem sinceramente a popularidade? Quantos ha que a desejam para bem da liberdade?—Rarissimos.

Quantos fingem amal-a porque a desejam para aniquilal-a juntamente com a liberdade; porque d'esse aniquilamento depende o triumpho ominoso de uma implacavel ambição? Não sei, o que sei é que muitas vezes entre os cortezãos que vem trazer á popularidade um culto perfido, encontram-se aristocratas, principes, reis e papas, que teem em perspectiva um poder immenso do qual talvez nem saberiam usar.

Quanta gente mediocre ha por este mundo, cuja leviandade, enfermidade deplorabilissima, incita á crer-se genio predestinado para não sei que misteriosa missão, para não sei que incognitos heroismos!

A popularidade é um instrumento poderosissimo das grandes emprezas, dos nobres projectos que dilatam o imperio da liberdade e a gloria nacional; mas a popularidade é tambem um meio de que ha lançado mão a astucia não raras vezes contra as publicas liberdades.

É verdade que é empreza arriscadissima a conquista da popularidade. Zelosa dos triumphos que concede, dos poderes que confere, ora submissa ao objecto de seu culto; ora exigente e imperiosa obrigando seus validos á servirem á seus caprichos, á seus preconceitos: abandona-os no mesmo momento, vária de culto, segue outros destinos derrubando em sua passagem as estatuas que elevára, despedaçando os pedestaes que erigira.

Um eminente orador, o homem mais popular em França em 1789, n'um momento em que via a popula-

ridade abandonal-o pronunciou estas palavras eloquentes que ficaram eternas. « eu não tinha necessidade d'esta lecção para saber que não dista mais do que um passo —do Capitolio a rocha Tarpeia! »

E a popularidade não faz excepções; quem quer que seja o seu valido, sem distincção de origem nem de condição, nem de destino, ha de sujeitar-se á seus soberanos caprichos.

Quem quer que busca o Capitolio aproxima-se da rocha Tarpeia!

Nossa historia encerra lecções muito profundas, e tambem muito mal aproveitadas, sobre o poder formidavel da popularidade, sobre as mystificações de que foi victima a credulidade e o enthusiasmo popular, e tambem sobre os desares que padecem aquelles que tiveram a desgraça de ficarem impopulares, attentando contra as patrias liberdades.

Não houve jamais poder algum seguro em mãos impopulares.

Mas quaes são os titulos de uma justa popularidade? Quaes os meios de fazel-os valer?

Vossos titulos serão os serviços que vos recommendam; a conducta sempre franca, sempre digna que vos ennobrece; o character sempre leal e generoso que vos illustra. Sêde cidadão integerrimo, sêde devoto á causa publica; não afronteis nem ambicioneis a popularidade; segui as inspirações do vosso coração firme e recto; sêde tranquillo na serenidade de animo que se não conturba, nem com as fumaças do poder, nem com o incenso das multidões; tende a coragem de renunciar á ella desde que fôr mister compral-a pelo preço de um

arrependimento. Eis os titulos que haveis de alegar, eis os meios de os fazer valer; e sêde certo de que se a popularidade pôde em sua natural volubildade, esquecer-vos, abandonar-vos; ao menos vos ha de respeitar em sua cholera, e vos não precipitará da rocha Tarpeia. Se vos escapa o favor publico do presente, que é a popularidade, tereis a estima e o reconhecimento da posteridade, que é a gloria: esta é tardia e calma como a reflexão; aquella é instantanea, caprichosa, violenta como a paixão.

Mas se não tendes serviços, ou se elles vos podem ser contestados; se vossa conducta envolve-se em mysterios; se vosso character é impenetravel; se é contestada a vossa generosidade; se vossas intenções são um segredo, se suspeitas pouco favoraveis á liberdade pairam sobre ellas e até as denunciam como infensas ás instituições populares:—com que direito vindes solicitar ovações populares?

Se tendes menospresado as advertencias da opinião publica não podeis solicitar seus favores, sem fazer a palinodia do passado, sem jurar fé nova, sem dar garantia segura de vossa sinceridade.

Se é uma ambição insaciavel de poder—após a qual correis desvairado, o que vos conduz a anhelar os insensos das multidões,—considerae que vos arriscae a ser precipitado da rocha Tarpeia da opinião. . .

XII.

Pensam diversamente os cortezãos; presumem, á despeito das lecções da historia, que a popularidade em seus caprichos respeitará immunidades que desconhece. Não consideram que a sciencia popular não reconhece ficções. Crêem que a popularidade é uma escada grosseira por onde se ha de subir ao supremo illimitado poder, a qual depois quebra-se para que áquellas alturas ninguem possa alçar-se a tomar contas.

Não ha embuste grosseiro de que não hajam lançado mão; não ha intriga vil que não tenham urdido; não ha calúnia perversa que não tenham propalado : para rodearem o idolo de crentes que a verdade tristissima rareára e dispersára.

Querem explorar uma popularidade facticia, ja que a real desde muito se lhes escapára. Crêem despertal-a, vivifical-a da indifferença apathica, ou da incredulidade desdenhosa e zombeteira, em que ha dezoito annos succumbira;—por contos mal engehados; por promessas em que ninguem crê; por habilidades que, se não são imaginarias, pelo menos nunca foram experimentadas; por intenções que são contestadas pelos factos, ou que se são verdadeiras—provam suprema inhabilidade.

Crêem comprar a popularidade por uma munificencia tanto menos sincera quanto mais allegada e ostentada. Essas esmolas, essas doações, esses favores pequenos ou grandes; são entregues á todas as vozes da publicidade, e apregoados em estrondosos hymnos por todas as tubas

da fama cortezan. Não esperam que o reconhecimento os transmitta á opinião. São acompanhados immediatamente, senão precedidos, de pregão.

Assim em lugar de generosas inspirações, ha fundamento para suspeitar que os determinaram a vaidade que solicita insensos.

XIII.

—Pessimista! com que direito vens tu lançar uma suspeita oprobriosa sobre intenções á que deves acatamento; de cuja santidade á ninguem é licito duvidar! Pessimista! as tuas prevenções te obscurecem a razão, e arrancam de teus labios a injuria desasizada!

Bem os estou ouvindo, leitor; os optimistas da côrte assim o terão dito: mas convido-te á que tenhas um pouco mais de paciencia, e me acompanhes para seres meu juiz e d'elles. É para tua consciencia, que supponho livre dos preconceitos e das prevenções, que eu appello; tua sentença, será infallivelmente a minha justificação.

Vivemos em um tempo que *tudo* sugeita á razão, ao livre exame; que tem a honra de não reconhecer immunidades de nenhuma cathegoria; que repelle os mysterios como hostis ao progresso e a sciencia que ja não é um privilegio, que é um direito commum; —detesta as trevas porque é insaciavel de luz e de verdade.

A liberdade universal não é só um principio; é a paixão, a verdade e a vida d'este grande seculo.

A liberdade exige o concurso de todo homem na pro-

porção de suas potencias, para o bem-estar, a honra, o brilho, a sciencia e a gloria da patria. Á ninguem foi reservado o privilegio de pensar e obrar pela nação; cada cidadão tem, desde o mais obscuro até o mais illustre, egual direito e dever de pensar e trabalhar na obra, que é de todos, da prosperidade nacional.

Todo pensamento, todas as intenções, todo acto, toda idéa, todo systema, constituem portanto, virtualmente, materia de critica; exerce-se o livre exame. Nenhuma idéa ou intenção, seja qual fôr a sua origem, não se póde, sob nenhum pretexto, subtrahir ao juizo da critica.

Ora, se propalam por toda parte a excellencia de certas intenções, a infallibilidade de certa intelligencia, a combinação maravilhosa de certo systema, não será licito ponderar o valor d'essas intenções, d'essa intelligencia, d'este systema?

É verdade que quando se procura ter uma idéa precisa da realidade d'essas cousas, fica-se em um vago indefinivel: talvez queiram d'essas intenções, d'essa intelligencia, d'esse systema, formar um novo myto indecifavel que ha de pôr em tormentos crueis a intelligencia da posteridade.

Mas os factos permitem avaliar; e se é licito fazer elogios não o será tambem examinar os fundamentos de sua plausibilidade?

O facto que por ahi apregoam como um prodigio de amor do povo, é o das esmolas, doações, favores, que foram annunciados com tamanho aparato.

Mas aproveitam ao povo essas esmolas? Minoram-lhe os soffrimentos, melhoram sua dolorosa situação?

Essas esmolas foram devoradas em um momento : á quem utilisaram? Ao povo? Não ! O povo ahí ficou soffrendo o que d'antes soffria. Aproveitaram á alguns que são mandados para as esquinas, — arautos da munificencia que comeram !

Não aproveitaram, não mitigaram um momento as dores da indigencia que tem pudor, que não mendiga. Essa continúa a supportar o pezo da vida, tragando lagrimas amargas, sem ter visto a mão da munificencia abrir-lhe a porta sem injuria e deixar-lhe uma dôce reminiscencia entre as tristes recordações de tantas dôres; uma gratidão eterna que mitigue a ironia dolorosa que lança a face d'esta sociedade indifferente e egoista.

Porque não foram applicadas estas sommas, que se mandaram despender, a alguma cousa que fosse de refugio, de auxilio á todos os que soffrem ? Mas não é d'isso que se trata. O povo deve estar muito satisfeito : o monarcha mostra-se-lhe de uma janella; uma meia dúzia de gritadores ostentam o enthusiasmo de seus pulmões... E depois os cortezãos mandam escrever para que o povo saiba que o povo applaudia estrepitosa e enthusiasticamente.

Como isto, leitor, ha milhares de banalidades, em que não val nos determos; passemos á ordem mais elevada de factos.

Quando no parlamento alguma voz energica fez vibrar os accents de uma eloquente indignação contra essa politica chamada de *conciliação*, e que foi traduzida por *systema de corrupção*; quando reclamou-se contra o abuso de alimentos dados a uma de nossas princezas residente fóra do imperio; quando profligou-se a escolha

pessima, em regra, de nossos agentes diplomaticos, e a má direcção que levam os negocios exteriores:—ouviu-se com estranheza dizer-se que essas accusações passavam por cima das cabeças dos ministros e iam ferir o poder inviolavel. . . e accrescentava-se, á meia-voz, que era um facto lamentavel que a influencia da corôa se fizesse sentir de mais, e principalmente n'estes negocios que vinham directamente de sua vontade irresponsavel: mas, lamentando o mal, nenhuma resistencia oppunham a tendencia fatal da corôa, que assim absorvia toda acção, deixando á seus ministros a tristissima responsabilidade de actos que lhes não pertenciam.

Por desgraça d'este paiz, e para eterna vergonha d'esta geração,—foi considerado plausivel o argumento, e o silencio parlamentar, ou sua expressa adhesão, sancionou o que se chamára *systema de corrupção*; legitimou o abuso que viola disposições constitucionaes; applaudiu os desacertos de escolhas que nos desairam no exterior, mas que satisfazem um capricho da côrte; e victoriou a politica que sacrifica nossos direitos e nossa dignidade á satisfação de uma vaidade que se presume habilidade consummada, e á interesses ou temores que não valiam ser postos em balança com os brios e interesses nacionaes.

A politica chamada de conciliação ja está julgada pela opinião: ninguem hoje ignora o que ella foi, as vantagens que d'ella recolher o paiz, e tambem sua origem—sobrenatural em um paiz de regimen parlamentar.

Á ninguem é portanto licito manter essas illusões de regeneração, quando o principio donde a esperavam é demonstrado — proceder pela corrupção. A ninguem no

futuro será licito esperal-a de um principio que a historia d'estes tempos tristissimos ha de accusar como a fonte perenne de todas as miserias politicas.

Ninguem hoje ignora *quem* quer longe do Imperio uma princeza brasileira que devia residir dentro do Imperio. E os cortezãos applaudem com frenesi esta habilidade meticolosa, suspeitosa que manda para a côrte do rei Fernando á se inspirarem n'aquellas praticas abominaveis de um despotismo feroz—principes brasileiros á quem as eventualidades poderão um dia chamar ao throno do Brasil !

Ninguem hoje ignora *quem* dirige exclusivamente as relações exteriores; e sabem—todos que cada dia traz-nos uma noticia desagradavel, humiliativa para o pundonor nacional,—dos desares que padece o paiz na opinião das outras potencias, e das perdas que soffrem nossos interesses.

Ora tudo isto revela as intenções, e se esta revelação não falha, são sagradas ou detestaveis as intenções ?

XIV.

O que é uma côrte ? Não a definamos; basta dizer que variando com os ventos que sopram, tem todavia um sentimento invariavel—é a subserviencia, é a abdicção do pensamento e da dignidade humana. . .

É o que ella tem de proprio: uma côrte reflecte sempre o character do idolo do momento. Com Luiz XIV ella é brilhante no espirito, distincta nas maneiras, esplendida

nas tradições, delicada no gosto; com o primeiro imperador, ella é radiante de gloria,—conta-vos as batalhas, falla-vos das conquistas, applaude deliriosa os heroismos que praticou ou viu praticar; com Luiz Philippe ella é burgueza e burgueza agiota, falla-vos na bolsa e de suas oscilações, aconselha-vos a prudencia mercantil ou a audacia agiota; calcula tudo, e argumenta-vos perpetuamente com cifras.

Mas o que reflecte uma côrte que vive a dilacerar as entranhas do orçamento; que se occupa exclusivamente de intrigar os homens politicos, de desconceituar à todos, e de fazer circular epigrammas de mau gosto, que inculca descere de mui alto? O que revela uma côrte que vos diz, com intima satisfação, contos eroticos que deveriam fazer corar aos confidentes—depositarios d'esses mysterios—se taes confidentes fossem accessiveis ao pejo?

O que é uma côrte que nem sabe acolher com delicadeza e hospitalidade os representantes das côrtes estrangeiras?

Queremos ter uma côrte? Pois tenhamol-a digna, sem ser fastuosa; tenhamol-a intelligente; mas por amor da nossa reputação, repudiemos essa ridicula e ruim mascarada que só tem servido para fazer rirem de nós as velhas côrtes européas.

Mas esta aristocracia que pretendem fundar em redor do throno, sobre que titulos assenta?

Sobre a gloria militar? Mas onde é que estão nossas conquistas, pois que só as conquistas fundam aristocracias?

As guerras civis?—esas não foram nunca theatro para gloria militar: são uma calamidade que fere á todos, que a todos cobre de luto, e até aos triumphadores.

Sobre as tradições?—Onde estão ellas? Quem as pudéra decifrar através da immensidade do oceano que arrebatou-nos o passado? Nós não temos as tradições que constituem castas.

Sobre a riqueza?—Mas a riqueza que honra, que enobrece é aquella que, de origem honesta, laboriosa, intelligente, se illustra, e se faz amar da sociedade, por applicações sabias, patrioticas, inspiradas pelo sentimento elevado de conquistas generosas, que dilatando suas forças, aproveitam ao paiz.

Mas esta riqueza onde é que está?

Esta classe que accumulou capitaes, que segue invariavelmente as inspirações de sua origem, poderá um dia elevar-se ás grandes aspirações politicas? ella que viveu indifferente aos progressos da sociedade; ella—a inimiga eterna do movimento, porque o movimento lhe perturbaria os calculos; ella que não recebeu, que detesta e maldiz a educação politica?! Quando foi que a viram unida aos grandes interesses?

Com que direito pretenderia contituir-se poder politico, ella que não soube ainda, que talvez não saberá jamais, respirar fóra da esphera acanhada de seu estreito egoismo?

Mas tem pressa a côrte de rodear-se de uma aristocrácia—numerosa, para os espectaculos dos dias de grande gala;—poderosa, para apoio e penhor de estabilidade; para ser muralha eterna entre o throno e o povo que o alçara.

Nos dias de grande gala será divertido ver-se esta aristocracia postiça desfilar diante do throno com suas librés, e com a consciencia de sua importancia; e se não fulgem seus merecimentos e suas tradições, vinguem-se fazendo brilhar ao sol dos dias limpidos os seus galões dourados.

A influencia dos homens de fortuna exerce-se unicamente nos tempos ordinarios, que a paz é segura, quando a tranquillidade não é ameaçada.

Qualquer ruido os faz emudecerem, qualquer movimento os faz recolherem-se aos lugares onde a sua immobibilidade não soffra constrangimento.

Onde o seu poder?—Quando as crenças, perdido o vigor pela acção dissolvente dos interesses pessoaes, se dissipam das consciencias; quando o desanimo se apodera do espirito publico, e faz succeder ás crenças fortes, um pessimismo desconfiado e pussilanime, que condemna o presente sem ter confiança no futuro; quando tudo se julga pela medida do interesse; quando não é licito á ninguém a pretensão de exceder os limites da mediocridade; quando toda aspiração generosa é uma loucura, e todo calculo ignobil de um proveito mediocre, sem merecimento, sem lustre—a suprema habilidade:—é então que os homens de dinheiro exercem um poder, e é realmente em suas mãos que pára toda influencia. E, por desgraça, é da natureza d'esse poder, d'essa influencia, não se exercer senão em futilidades,—não fazer adiantar um passo á sociedade. Ha n'isto talvez o instincto da conservação, porque um passo que adiantasse o progresso, seria um passo para a perda d'essa influencia.

O que significam, o que representam esses signaes, essas distincções honorificas prodigalisadas sem criterio,

ou vendidas a quem quer que lhes chegue o preço? Um dia ha de vir, se ja não é vindo, em que os distinctos serão aquelles que as não trouxeram, ou em que venham ellas á cahir no desprezo publico! Quem não terá vergonha d'esta honra?

Sabe-se a historia da venda das indulgencias; esta venalidade era tambem apadrinhada por um fim santo: era tambem uma especulação lucrativa. Julio II calculára que expedindo para toda a christandade esses francos passaportes para o peccado, teria em resultado sommas enorremissimas com que levantar um templo que attestasse aos vindouros o esplendor da egreja e o orgulho da sua fé.

A misera humanidade, não renunciando ao peccado, tendo em perspectiva a promessa da salvação, comprava a salvação para manter-se no peccado. Assim a igreja para achar thesouros abria um abysmo tão fundo de immoralidade, que nenhum arrependimento, que nenhuma penitencia não poderá jamais encher-o, e apagal-o. Essa venalidade foi um germen fecundo de discordias que surgiram no seio da igreja, e um terço da christandade foi perdido para o catholicismo.

Ora o que perdeu a fé catholica, não perderá tambem a fé monarchica com a venalidade dos titulos e distincções honorificas? Ahi vem o schisma que divide e enfraquece, e o scepticismo que dissolve e anihila,—e a indifferença desdenhosa que suprime da vida real, e abandona a crença entre as cousas do passado!

Mas ha ainda uma classe veneranda de homens de aptidões infinitas, que são a feitura e o orgulho da côrte. Teem em suas mãos venturosas, predestinadas, o mo-

nopolio, para si e para seus descendentes, de todo saber, de todas as habilitações, e, portanto, de todos os empregos lucrativos. Sabem tudo, servem para tudo ao mesmo tempo; são vivas encyclopedias.

Accumulam ordenados, subsidios, pensões; são senadores, conselheiros d'Estado, membros do supremo tribunal de justiça ou desembargadores;—aposentados em uma função, vão servir á mais duas ou tres; subvencionados pelo governo para tal trabalho que não se faz, percebem a gratificação pelo que poderiam ter em mente fazer. Estes homens desempenham perfeitamente e com uma promptidão prodigiosa todos estes mysteres, e tem a condescendencia digna de todo o respeito, de receber por junto todos esses vencimentos.

Certo senador lastimou-se um dia no paço de sua situação pecuniaria; poucos dias depois recebia, á titulo de atrasados que lhe devia o Estado, quantos contos de réis julgou sufficientes para melhorar sua situação.

Certo valido estava arruinado por uma vida de dissipações: é senador, conselheiro d'Estado e... ordenou-se que tivesse mais dois rendosos empregos, e mais não sei que pensão á titulo secreto, com que teria annualmente a ninharia de seus deseseis contos de réis.

Assim deveria pagar em poucos annos todas as suas dividas. Seus credores, porém, queixam-se de nada haverem recebido, e elle teve credito, de que usou logo, para contrahir novas dividas! . .

Ainda um facto, e passaremos á outra ordem de considerações :

Uma provincia illustrada tem mandado mais de uma vez, em listas para escolha senatorial um cidadão illustre,

cujo character e cujos talentos, e cujos importantes serviços, são o orgulho legitimo da provincia em que nasceu, e uma das glorias do paiz. A ultima eleição d'essa provincia é, mais que todas, significativa. Este cidadão, que ha mais de dez annos está fóra do parlamento, que não tem auxilios do governo, entrara em competencia com outro, que desde 1848 tem em suas venturosas mãos o governo d'aquella provincia. Fallaram as urnas; a provincia fez justiça collocando em primeiro lugar da lista aquelle que não dispunha do paiz official, aquelle que é perseguido em Minas desde 1848 pelo partido que tem por si a influencia do governo.

Esta tão clara advertencia da opinião não foi atendida: foi escolhido um cidadão de nenhum valor intellectual, que sempre se mostrou nas posições que tem occupado, mediocre, sem merecimento; mas do qual pôde-se fazer um excellente cortezão.

Muitos exemplos pudera citar de escolha d'este genero: elles manifestam claramente esta santidade de intenções, que á despeito de tantos factos, cuidam fazer aceitar pela credulidade simples do povo.

Mas o povo que ja não se illude, ri-se dos discursos cortezãos, e segue com uma curiosidade avida esses symbolos, esses espectaculos cuja significação não se inquieta de saber; procura uma distracção para os olhos, e o instincto lhe diz que para o espirito alli nada ha que aprender.

XV.

Só o optimismo cego dos cortezãos pôde ver uma adhesão séria no que é apenas uma impressão fugitiva tão de pressa apagada da memoria do povo como os rastos dos viajantes sobre a areia das estradas.

O povo applaude é verdade, se é manifestação de applauso a numerosa concurrencia : tudo isso é um espectáculo: tudo isso o distrae; tudo isso lhe faz esquecer um momento a realidade amarga de seus fundos soffrimentos. Tudo isso é uma mascarada, e o povo ama as mascaradas.

Mas n'essa nuvem espessa de poeira que os passos de multidão sempre levantam em torno de todos os cortejos officiaes,—quem pôde ler um pensamento de futuro? quem pôde perceber uma idéa luminosa?—ou—quem pôde achar solidez para fundar e firmar um direito?

Essa nuvem dissipa-a a brisa da tarde: e quando cahe o veu da noite e a reflexão acompanha o homem do povo ao lar domestico; o que é que fica de tudo isso em seu pensamento? Se é logico e investigador o seu espirito, elle pergunta entre si: « donde sahiram, o que significam essas pompas?

Então passa-lhe pela mente a lembrança do imposto que paga e das privações que soffre, e das illusões que um momento perturbaram a calma resignada de seu espirito.

E diz:—pago ao Estado o imposto para que me garanta a vida e o fructo de meu trabalho; para que me facilite

a existencia, e torne proficuos, fecundos os meus esforços:—para que os brios, sem os quaes a vida é um opprobrio abominavel, d'esse todo de que sou parte, e que nossos paes, com heroica adoração chamaram Patria,—fossem mantidos em uma altura inviolavel. . . pago o imposto para que, completando a obra de nossos maiores, lancemos com mão segura os fundamentos da obra dos vindouros; pago o imposto para que o Estado me pague á mim este emprestimo que lhe faço, em beneficios derramados por toda a sociedade. Este emprestimo não é certamente para ser esbanjado em pompas vans que á ninguem aproveitam licitamente; senão para ser applicado de maneira proveitosa á economia social. Não pago o imposto para que em compensação me deem um vão espectáculo, sem objecto, sem explicação possivel; e para que me venham contar prodigios que ninguem viu, heroismos de que não ha noticia;—para que me venham fazer a apothese de virtudes que são um dever commum de todo cidadão. . . Não paguei o imposto para que me viessem dizer á mim, membro da sociedade, instituida livremente por meus paes, que esta sociedade tem agora um *Senhor*. . . Não paguei o imposto para que as larguezas corruptoras do poder fizessem d'elle um instrumento abjecto de proselytismo. . . Não paguei o imposto para que esse fructo de meu suor fosse devorado pela insaciabilidade de um luxo desvairado; por caprichos pueris; por vaidades levianas; e pela avidez dos cortezãos—raça abjecta e detestavel de truões ridiculos que tudo contaminam e corrompem e devastam. . .

Após estas, muitas outras reflexões surgem no espirito do homem do povo, que, sem os habitos de abstracções

scientificas, não pára deante das ficções constitucionaes.

Não se deve confundir o enthusiasmo que nasce da admiração de grandes feitos com esses movimentos de curiosidade.

Supposto que se pudesse ver n'essa curiosidade um sentimento politico, que significação se lhe poderia dar?

Ou n'essas manifestações o povo applaude o homem por seu merecimento pessoal;

Ou applaude um principio, uma idéa, uma crença :

Se applaude o homem—como querereis ver n'esta sympathia pessoal uma adhesão séria á um systema? O que será feito de vossas pretensões á legitimidade? Onde se irá homisiar o direito divino? Amanhã, quando o poder, pela ordem fatal das cousas, houver de passar á outro homem que não tiver as mesmas qualidades pessoais, embora signifique claramente o mesmo systema; não seria logico que os mesmos applausos o seguissem em suas passagens através das multidões.

Se porém applaude um principio, uma idéa, uma crença; onde será esse principio, onde será essa idéa, onde será essa crença,—senão no facto e no direito em virtude do qual este poder existe; senão na sua origem unicamente popular? Se o povo applaude este poder, elle applaude á si mesmo; se ha n'este applauso uma adhesão séria, é a adhesão a seu direito imprescriptivel, é a adhesão á democracia. Se applauso ha, este applauso tem significação energica de uma protestação solemne contra qualquer tentativa de desfazer a obra do povo.

Entretanto os cortezãos se esforçam por fazer obliterar

da consciencia publica o traço luminoso d'essa doutrina que foi a inspiração solemne do direito dos povos: queriam fazer do povo—soberano—um povo-lacaio; queriam fazer-lhe crer que o povo tem hoje um Senhor à quem cumpre-lhe amar, obedecer e servir!..

XVI.

Que vantagens colheram as provincias, d'esta viagem? Por ventura foram melhoradas as suas condições economicas? São satisfeitas suas mais urgentes necessidades? As condições moraes de sua existencia, como parte integrante do imperio, foram tambem melhoradas?

A centralisação que é a fonte de todos os nossos males, afrouxou um pouco os seus avidos rigores?

Passou... passaram tambem as festas, as pompas; e o *enthusiasmo* que atroava em torno dos cortejos officiaes— tambem passou... e o que ficou de tudo isso, que signifique o beneficio d'esta passagem?

Restabeleceu-se por ventura a confiança das instituições, alterada, aniquilada pela longa serie de abusos impunes? Melhoraram-se as condições do pobre? estabeleceram-se sobre bases mais equitativas suas relações com os ricos? E os ricos, os abastados, viram tambem abrir-se à suas especulações licitas um horisonte mais vasto? viram uma idéa grandiosa para cuja realisação devam fazer convergir seus capitaes? E as provincias puderam conceber uma esperança de que a sinceridade do governo lhes ha de restituir suas franquezas?

Ainda é cêdo ! dirão os que creem nos resultados benéficos d'esta viagem. Mas esses resultados, esses melhoramentos de que ordem, de que genero, de que natureza, de que alcance serão? Ninguem saberá definir esses beneficios : é uma esperança vaga, indefinida, inconsistente. Aliás essa viagem fôra apprehendida com o intuito de distrahir as tendencias que se manifestavam nas provincias do Norte, e calar seus clamores contra a centralisação. Operada a diversão dos espiritos as cousas continuarão sob o mesmo influxo que d'antes, desassombra a côrte dos terrores que lhe incutiam esses clamores.

Assim que, dizem os cortezãos :— « nunca estiveram as provincias tão satisfeitas. Esses clamores, que por vezes se teem levantado não passam de exacerbações momentaneas de alguns interesses contrariados. As provincias são calmas e contentes; abusos não os ha; são zelosas, intelligentes, e activas as autoridades; tudo marcha regularmente; o povo não pôde aspirar condições mais favoraveis ao desenvolvimento de sua prosperidade. Os horizontes estão claros; nenhuma nuvem de ameaça; a situação é facil e prospera; as cousas devem portanto marchar como até agora, apenas com ligeiras alterações. »

Assim pois perpetuam-se os males, que, em seu espirito sempre aberto ás boas esperanças, creu o povo que iam ser afastados dos seus destinos; assim as desillusões veem tão depressa aclarar-lhe com uma luz funesta a realidade de sua situação.

Quando um governo evita, illude as difficuldades que se lhe antolham; confessa implicitamente sua impotencia; e um governo impotente, um governo que não resolve os

problemas sociaes e politicos que lhe são postos pelo tempo, e pela correnteza das idéas—este governo está virtualmente morto. Infiel ao espirito do tempo, inferior ao papel que se lhe confia, onde póde ir buscar sua razão de ser? Para se manter por algum tempo, só lhe vejo um caminho—o das violencias e reacções, porque a mesma corrupção ja está gasta e impotente. A corrupção, que reúne e emudece tudo em torno de si quando começa, tem em seu progresso o resultado infallivel de dividir e anarchisar tudo. Essa anarchia que nasce da corrupção dos costumes e da corrupção politica é uma calamidade tão grande, que quando se manifestla—nada ha que lhe resista; nem tradições, se tradições ha; nem espectaculos vãos; nem pompas estereis; nem baionetas, nem canhões. . . .

XVII.

Conseguiu-se realmente o intuito em que fôra concebida esta viagem? . . Não se illudam os cortezãos; seu triumpho é mais ephemero do que essas flôres que brillham um momento para cahirem logo fanadas e murchas e desfolhadas.

No norte calaram por um momento os clamores contra o systema da côrte; mas as causas ahi ficaram intactas, e elles se vão elevar de novo com mais energia, com mais impaciencia, mais apaixonados.

Enganaram ao povo fazendo-lhe conceber esperanças chimericas; disseram-lhe que o monarcha viera cortar

pela raiz os abusos; corrigir as irregularidades da administração; reparar as injustiças e iniquidades, obra funesta do favor, e restituir a direcção dos negocios á mãos mais habéis, mais escrupulosas, e equitativas.

Fomentaram entre provincias rivalidades funestas, que um governo bem intencionado deveria pôr seu cuidado extremo em apagar para sempre.

Tudo isso ha de dar fructos que hão de amargar muito áquelles que tanto se prometteram d'esta viagem para seus mais charos interesses.

Esta viagem, pela epocha critica em que foi emprehendida, pelos sacrificios a que obrigou as populações, pelas desillusões que deixou após si—ficará na memoria do povo como as reminiscencias dos maus dias das calamidades que tambem passáram.

Se esta viagem fica no animo do povo como uma recordação do contraste perpetuo das pompas da realeza e da miseria publica, do regosijo da côrte e das dores populares; essa impressão profunda e fecunda é contrastada tambem pela impressão frivola que fica no animo dos ricos.

Á luz dos festins esplendidos da monarchia o povo contempla sua miseria, da qual ninguem se preocupa; os sons estridentes da descuidosa alegria dos palacios despertam em sua alma o sentimento amargo de sua situação.

Despendem-se graças, favonêa-se a vaidade dos ricos; mas a sorte dos que soffrem não é melhorada; mas as grandes necessidades do presente são esquecidas nos prazeres. Ah! os destinos d'este vasto Imperio porque não inspirariam mais graves occupações!!

XVIII.

O norte descontente clamava, ameaçavam-no com o sul; hoje mormura o sul desilludido; pretendem ameaçá-lo com o norte. Mas quando os clamores repercutirem de norte á sul, quando o brado unisono do povo se levantar de todos os pontos do Imperio, com que o ha de ameaçar a côrte? . .

A attitude grave, digna com que o povo fluminense acaba de receber em sua volta o Imperador, deve advertir á côrte da impotencia de suas tactias.

Lá tambem houve pompas de recepção: as mesmas ceremonias, os mesmos symbolos, os mesmos espectaculos, a mesma procissão—atravessaram as ruas illuminadas esplendidamente da capital do Imperio. O povo lá como aqui, via silencioso essa grande mascarada sem se inquietar com sua significação moral.

Para o Rio de Janeiro não era, tanto como para nós das provincias, um objecto novo de curiosidade.

Para que a população sempre avida de espectaculos concorresse ao recebimento do Imperador fizeram-se pompas infinitamente mais custosas do que as nossas. Lá tambem quizeram supprir por ostentações vans, mas ruidosas, o enthusiasmo que não puderam reanimar. Mas, como nas provincias, essas pompas nada disseram, nada significaram, senão o desperdicio vaidoso de sommas que podiam ser mais aproveitadas por melhor e mais sensata applicação.

No Rio de Janeiro os gritadores não tiveram coragem de mostrar toda a dedicação enthusiastica de seus pul-

mões; e através de toda essa população curiosa do espectáculo, indifferente a seu motivo, não era difficil perceber-se a figura zombeteira do Charivary que ria mais uma impudencia na face impudente d'essa côrte corrompida.

Entretanto a côrte se crê triumphante, victoriosa. . .

É verdade que nas provincias ouviram-se gritos inconstitucionaes, e esses gritos tiveram sorrisos de complacencia. Manifestaram-se votos attentatorios das publicas liberdades, e esses votos foram ouvidos com evidentes mostras de intima satisfação.

Si na passagem do Imperador, algum insensato gritasse: — « viva a republica ! » seria um sedicioso, um inimigo da ordem publica, e a mão da policia não se faria esperar para lançal-o em seguras prisões.

Mas podem os cortezãos, podem os adultores, dar freneticos vivas ao poder absoluto, ao rei podem pedir publicamente que governe só o rei; podem até da tribuna sagrada assignalar a um dos poderes do Estado origem superior, e independente da soberania nacional. Dizem ja sem reboço que a monarchia é anterior e superior à soberania popular; dizem-no com a maior solemnidade!..

E as autoridades não veem, nos que assim praticam— sediciosos e desordeiros; não veem n'estas manifestações um crime que deva ser punido !

Dir-se-hia que as autoridades teem duas consciencias; o mesmo acto seria julgado differentemente conforme a pessoa que o praticasse, e o interesse que representasse: alli haveria crime, aqui o não ha.

A policia que tantas vezes vê conspiradores que não existem, nem sempre vê os que existem; abre os olhos para descobrir chimeras, fecha-os para não ver realidades.

Quando as leis dispozeram que fossem punidos os ataques ao pacto fundamental, certamente que não desceram á se preocuparem de assegurar triumpho aos interesses ou pretensões de um individuo. Seu espirito e sua letra pairam em região infinitamente superior á essas miserias.

XIX.

Eis ja desoito annos que somos entrados no terceiro periodo de nossa historia constitucional. Livres das violencias e das iniquidades do primeiro reinado; livres das agitações que tumultuavam em torno da regencia;—parece que nenhum periodo se nos poderia antolhar com perspectivas mais esperançosas e sedutoras do que o segundo reinado.

Abdicando, o primeiro imperador rendia homenagem á soberania popular deixando á sua protecção o filho, ainda menino. O povo velou sobre seu pupillo com generosidade unica na historia. Toda a sua confiança, todas as suas esperanças, encerravam-se n'este deposito sagrado; e ancioso de ver realisadas as promessas de sua generosidade omnipotente, antecipou-lhe a idade, entregou-lhe o exercicio da realeza.

O que fez entretanto pelo povo o tutelado do povo ?

O que temos adiantado em desoito largos annos?

O primeiro reinado teve grandes erros, que difficilmente lhe serão absolvidos pela posteridade; mas o primeiro reinado legou-nos uma nacionalidade constituida,

e dous monumentos gloriosos de civilisação—a constituição e o codigo criminal.

A regencia á pezar de suas perturbações soube fecundar o sólo da liberdade; as franquezas provinciaes consagradas no acto addicional, salvaram a unidade do imperio; e sobre tudo firmou-se a crença de que o governo do paiz pelo paiz não era uma utopia.

O segundo reinado nada fundou ainda; sua obra tem sido a reacção incessante, pertinaz, contra as conquistas dos dois primeiros periodos. Abre-lhe a carreira a lei de 3 de dezembro de 1842, cujo influxo domina todo o longo periodo. Esta lei escarnece da constituição, violando-a; mutila o codigo criminal. O conselho d'Estado e a lei das interpretações annullam o acto addicional.

Parece portanto que sua missão é destruir.

Eis a que resultados somos chegados.

A historia dirá que este periodo esteril se assignala pela descrença e pelo desanimo que soube lançar nos espiritos, ainda os mais energicos; pela corrupção que soube inocular nos costumes publicos, e que foi seu instrumento e sua unica habilidade. . .

Eis os seus meritos; eis os seus titulos ao reconhecimento da posteridade! . . .

A historia tambem dirá que n'este grande periodo houve duas pomposas procissões; uma ao Sul outra ao Norte do Imperio,—das quaes o paiz recolheu o inestimavel beneficio de copiosas graças que favonêam vaedades; e o póvo applaudiu-se da ventura que teve de ver passar o seu soberano e admirou satisfeito a munificencia que se revelou n'essas distincções e na cafila dos distinctos.

A historia dirá tudo isso; porque é mister que ella

não fique muda e que a geração futura não fique privada de admirar e applaudir esse estranho heroismo que solicita da superstição, da ignorancia e da baixeza, applausos que lhe negam a decencia e a razão esclarecida.

A sciencia do seculo parecia ja ter resolvido definitivamente que, supressa pelos novos habitos de uma geração desilludida, não viria mais pedir uma pagina á historia—a tolice humana com suas superstições absurdas, com seus idolos monstruosos, com suas ceremonias grotescas e ridiculas.

Cren a sciencia, em sua boa fé, que essas puerilidades tradicionaes que, em remotas edades, compuseram a magestade dos reis, haviam ja perdido para sempre os fundamentos que as faziam venerar. . .

E a sciencia, e o grande espirito do seculo veem passar em faustosa procissão todas essas superstições vencidas e mortas. Levantam-se de suas campas onde dormiam silenciosas, e tranquillias, para se agitarem como se foram vivas, e ousam marchar do reino das trevas para o reino da luz. . . mas aos primeiros raios da luz dissipa-se a poeira veneravel do passado que as cobria, e, mumias sem nome e sem significação, ellas passam do respeito á irrisão!

Embora! Sciencia, mentiste! Espirito do seculo, com que direito quizeras, tu visionario insensato, banir das sociedades essas parvoices que são a lei e os prestigios essenciaes das dynastias; que foram a origem fecunda das grandezas dos Imperios? . . .

Esses esplendores facticios da tolice humana influiram sempre mais nos destinos dos povos, do que essa luz bri-

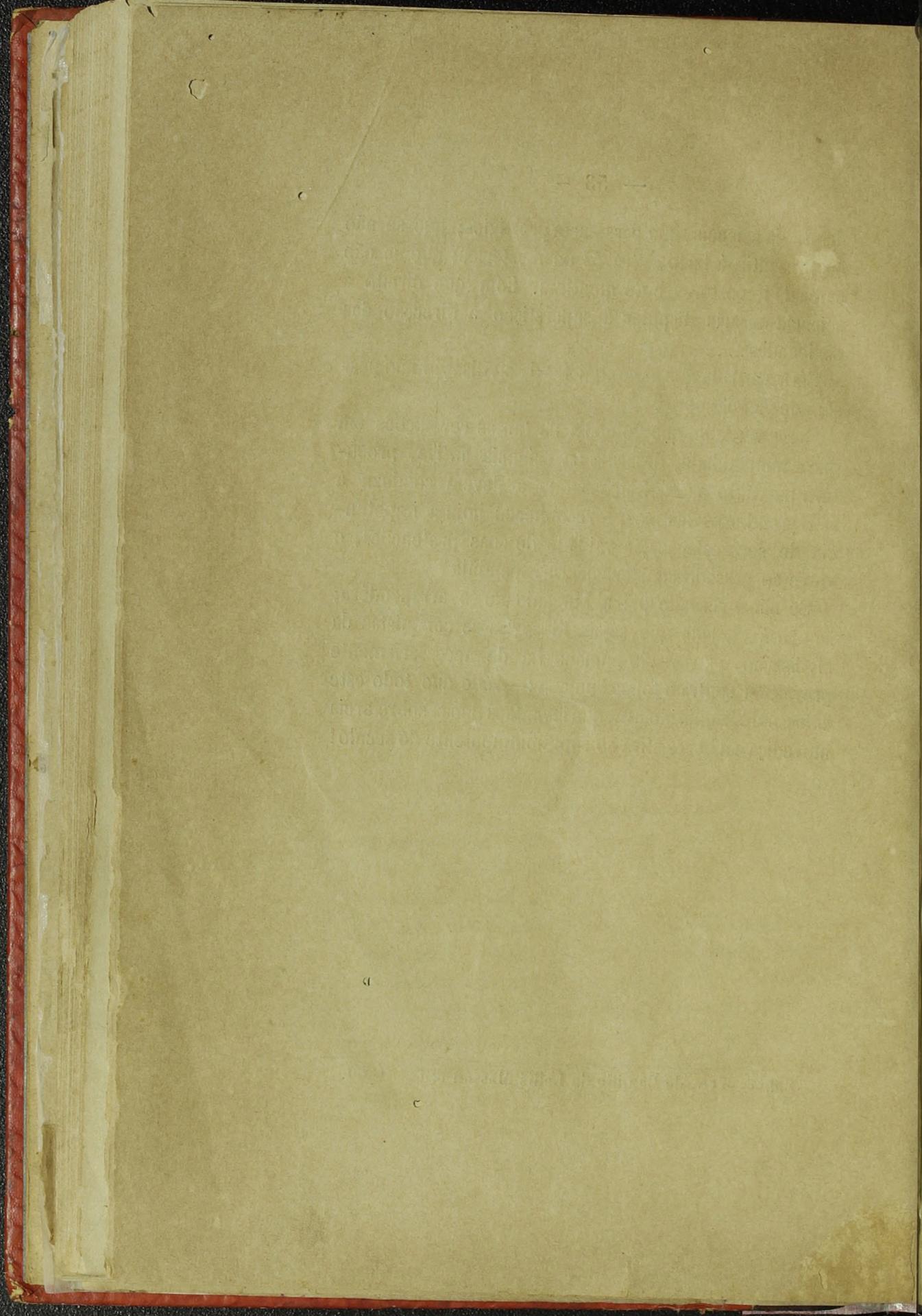
lhante da sciencia, que passa sem prestigios; que se não faz presentir á furto, através de mysterios; que se não cerca de imposturas e de mentiras. Com que direito a sciencia ousaria disputar á superstição a direcção das sociedades? . .

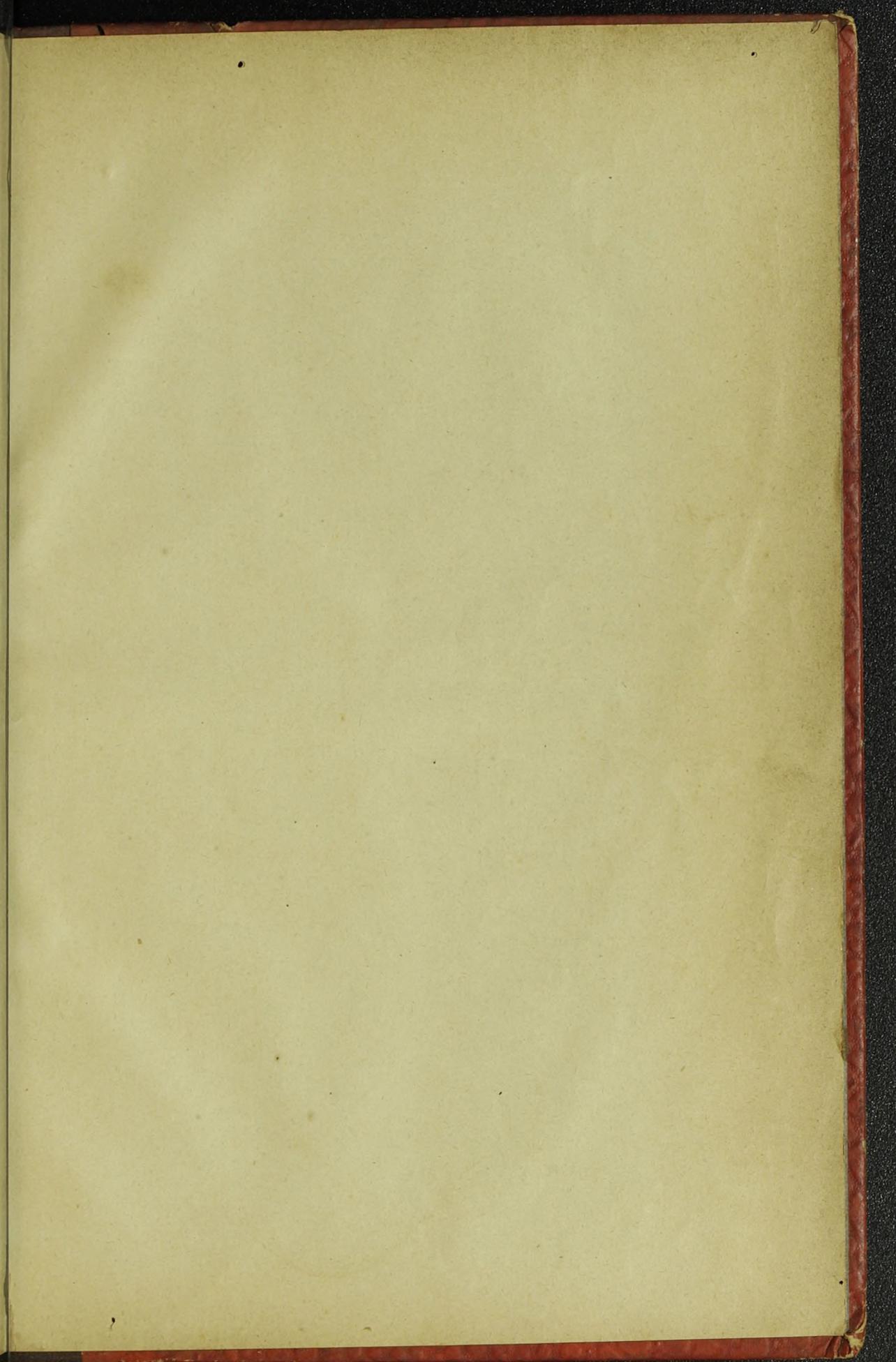
Será verdade que as conquistas da civilisação não passam de van chimera?

Será verdade que—depois de tantas revoluções em que a humanidade, descrida da sciencia antiga, procurára na razão as instituições que a devem conduzir á seus grandiosos destinos;—reconheceu hoje a impotencia de seus esforços, a vaidade de suas pretensões, e volve ao passado consternada, arrependida?

Se não é verdade que a humanidade se arrependêra; se não é verdade que sejam illusorias as conquistas da civilisação; se a razão humana ha de necessariamente prevalecer contra a tolice humana :—vêde que todo este colosso de lisonja idolatra que levantaes pouza sobre areia movediça e não resistirá ao sopro omnipotente do seculo!

29. 6. 15
m





ls
—
prs

4/3

